

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS

Amanda Cristina Silva Carneiro

**O PROTAGONISMO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA:
REPRESENTATIVIDADE, VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE E QUEBRA DE
ESTEREÓTIPOS**

BELO HORIZONTE
Julho 2025

Amanda Cristina Silva Carneiro

**O PROTAGONISMO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA:
REPRESENTATIVIDADE, VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE E QUEBRA DE
ESTEREÓTIPOS**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação e Tecnologias da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientador:

Prof. Dr. Hércules Tolêdo Corrêa (UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto)

Coorientadora:

Profa. Dra. Gláucia Maria dos Santos Jorge (UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto)

BELO HORIZONTE

2025



FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Cristina Silva Carneiro

**O protagonismo negro na literatura infantil contemporânea:
representatividade, valorização da identidade e quebra de estereótipos**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia (CEAD) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 08 de julho de 2025

Membros da banca

Prof. Dr. Hércules Tolêdo Corrêa - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Gláucia Maria dos Santos Jorge - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Eliane Santana Dias Debus - Universidade Federal de Santa Catarina

Hércules Tolêdo Corrêa, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 17/07/2025



Documento assinado eletronicamente por **Hércules Toledo Corrêa, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 14:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0945065** e o código CRC **64CB6195**.

À minha mãe, Goreti Carneiro, por me ensinar a amar os livros e sempre acreditar nos meus sonhos de criança.

Ao professor Hércules Tolêdo Corrêa, por me mostrar que a literatura infantil também faz parte da vida e dos sonhos de quem cresce.

RESUMO

Este trabalho surge do desejo de compreender como a literatura infantil pode contribuir para que crianças negras se vejam com orgulho, beleza e pertencimento nos livros que leem. A partir da análise das obras *Amoras*, de Emicida (2018), e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França (2020), foi analisada a forma como o protagonismo negro vem sendo construído na literatura contemporânea para crianças, promovendo o letramento racial desde a infância. Com abordagem qualitativa e analítico-interpretativa, a pesquisa articula ideias de autoras e autores como Neusa Santos Souza (1983), Eliane Debus (2007, 2013), Nilma Lino Gomes (2011, 2012), Lia Vainer Schucman (2012) e bell hooks (2013), que pensam a identidade, a infância e a educação como campos de disputa simbólica e política. As análises consideram elementos como linguagem, enredo e ilustração e propõem possibilidades pedagógicas para o uso das obras em sala de aula, de acordo com a Lei nº 10.639/03. Conclui-se que histórias com protagonistas negros ajudam a romper com o perigo da “história única”, tal como nomeia a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), e a construir um imaginário mais justo, em que todas as crianças possam se reconhecer e se afirmar no mundo com orgulho.

Palavras-chave: Literatura infantil; Letramento racial; Protagonismo negro.

ABSTRACT

This work stems from the desire to understand how children's literature can help Black children see themselves with pride, beauty, and a sense of belonging in the books they read. Based on the analysis of the books *Amoras* (2018), by Emicida, and *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), by Rodrigo França, the study examines how Black protagonism has been constructed in contemporary children's literature, fostering racial literacy from early childhood. Using a qualitative and analytical-interpretative approach, the research engages with the ideas of authors such as Neusa Santos Souza (1983), Eliane Debus (2007, 2013), Nilma Lino Gomes (2011, 2012), Lia Vainer Schucman (2012), and bell hooks (2013), who regard identity, childhood, and education as fields of symbolic and political struggle. The analyses consider elements such as language, narrative, and illustration, and propose pedagogical possibilities for the use of these works in the classroom, in accordance with Brazilian Law 10.639/03. The study concludes that stories featuring Black protagonists help to dismantle the danger of the “single story,” as described by Nigerian writer Chimamanda Adichie (2009), and contribute to building a more just imaginary in which all children can see and affirm themselves in the world with pride.

Children's literature; Racial literacy; Black protagonism.

SUMÁRIO

Introdução: Páginas <i>em branco</i>	8
Referencial teórico: A sabedoria dos que vieram antes de nós.....	12
Metodologia: Escrevendo com lápis cor da minha pele.....	14
Ser negro na sociedade brasileira.....	17
Os primeiros livros: o histórico da representação negra na literatura infantil brasileira.....	21
Protagonistas negros na literatura infantil contemporânea: do estereótipo à valorização — uma amostra.....	24
Considerações finais: Para <i>enegrecer</i> o futuro: reflexões e caminhos para a educação antirracista.....	31
Referências.....	33
Apêndice.....	36

Introdução: Páginas *em branco*

No Brasil os discursos sobre a identidade negra são recentes e tiveram início a partir das décadas de 1970 e 1980, especialmente após a criação do Movimento Negro Unificado em 1978, como resposta à crescente violência racial e ao racismo estrutural no país durante a ditadura militar. A série brasileira *Cadernos Negros*, que contempla mais de 40 edições publicadas desde 1978, reuniu contos e poemas de escritores negros, estimulando a produção da literatura negra na época. Até então a presença de personagens negros na literatura brasileira era escassa e frequentemente limitada a papéis secundários, estereotipados ou folclóricos.

Até 1920 a literatura infantil disponível no Brasil correspondia à importação de livros europeus, ou seja, os preconceitos enraizados em tais sociedades também eram importados e reproduzidos em solo brasileiro. Monteiro Lobato foi um dos primeiros autores nacionais a escrever obras para o público infantil em nosso país a partir de 1930, mas conforme o pensamento da época, várias delas continham expressões ou falas racistas direcionadas aos personagens negros.¹

Estudos sobre o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) — programa do governo brasileiro criado em 1997 com o objetivo de distribuir obras de literatura para escolas públicas da Educação Infantil e dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental — apontam que, até meados de 2010, menos de 10% dos livros infantis selecionados traziam protagonistas negros ou abordavam temáticas étnico-raciais de forma afirmativa (Gomes, 2012). Além disso, uma pesquisa da professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè sobre os romances nacionais, publicada em 2018, revelou que, entre 2005 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados no Brasil eram não brancos, apenas 6,9% dos personagens retratados eram negros e, em apenas 4,5% das histórias, esses personagens apareciam como protagonistas. Embora tratem de universos literários distintos, ambas as pesquisas evidenciam a exclusão simbólica que pessoas negras enfrentam ao não se verem representadas na literatura brasileira.

Essa lacuna reforça a ideia de que por muito tempo a existência negra foi considerada

¹ Não podemos desconsiderar a relevância de Monteiro Lobato e de suas obras para o cenário nacional. Mesmo assim, uma leitura crítica e contextualizada às discussões atuais é necessária. Gouvêa (2005), no artigo *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*, pontua que, naquela época, mesmo que os autores tivessem a pretensão de transmitir a ideia de convivência e integração interracial, ao fazê-lo, conferiam características vexatórias aos personagens negros em comparação ao branco, dando denominações diferenciadas de acordo com o “pertencimento” racial dos personagens, questionando e inferiorizando suas competências cognitivas ou culturais, por exemplo (Gouvêa, 2005, p. 88-89).

menor - em comparação com a existência dos personagens brancos - ou estava sempre associada à dor e ao sofrimento, como a figura do sujeito escravizado, da mulher subserviente ou do menino travesso com traços folclóricos, o que impacta diretamente na construção da identidade e autoestima das crianças e reitera a necessidade de políticas e práticas que promovam a diversidade e a representatividade racial na literatura infantil brasileira.

A promulgação da Lei nº 10.639/03, representou um marco fundamental na luta por uma educação antirracista no Brasil. Essa lei alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96), tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas do país, nos ensinos Fundamental e Médio, nas redes pública e privada. A proposta é garantir que a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes seja reconhecida na formação da sociedade brasileira, combatendo o apagamento histórico e promovendo a valorização da identidade negra. Posteriormente, a lei foi ampliada com a criação da Lei nº 11.645/08, que incluiu também a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena, reforçando a necessidade de uma abordagem curricular plural e representativa das diversas matrizes culturais do Brasil.

Essa obrigatoriedade se apoia na própria LDB, que estabelece como princípio o respeito à diversidade cultural e à valorização das diferentes identidades presentes na sociedade brasileira. Com base nela, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) passaram a tratar as relações étnico-raciais como temas transversais, sugerindo que o ensino da cultura afro-brasileira e indígena perpassasse todo o currículo escolar, e não ficasse restrito a conteúdos pontuais ou disciplinas específicas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento orientador da educação básica brasileira, também reforça o compromisso com uma educação voltada para a equidade e a justiça social ao reconhecer a valorização da diversidade étnico-racial como um dos fundamentos centrais da formação humana e da prática pedagógica: “A educação deve apoiar-se no princípio da equidade, garantindo a todos o direito de aprender, reconhecendo as diferenças entre os sujeitos em seus contextos sociais e culturais e combatendo as desigualdades que atingem, historicamente, parcelas da população [...] de forma a promover a equidade, a valorização da diversidade e a justiça social.” (BRASIL, BNCC, 2018, p. 8). A Competência Geral 8 da BNCC também propõe que todos os indivíduos sejam acolhidos e valorizados, independentemente de seus grupos sociais, saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

As diretrizes legais e pedagógicas indicam a importância de um currículo que

promova o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e indígena como parte da construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

A literatura para crianças e jovens desempenha um papel importante na construção de identidades e no desenvolvimento de percepções sobre o mundo, podendo influenciar na maneira como a criança enxerga a si mesma e o outro. Nos últimos anos as obras infantis têm apresentado maior diversidade de personagens, explorando as várias possibilidades de ser e estar no mundo² e contribuindo para o fortalecimento da identidade e autoestima de diversas crianças. Entre as produções, destacam-se os livros que abordam as questões raciais, posicionando os personagens negros como protagonistas de suas próprias histórias e valorizando suas identidades. Essas narrativas promovem uma representação positiva da cultura negra, deixando de limitar-se somente à menção ou discussão sobre o racismo ou aos estereótipos historicamente impostos às pessoas negras, e permitindo que as crianças se reconheçam em histórias que valorizem sua cultura e ancestralidade.

Nos últimos anos, tive a satisfação de conhecer obras infantis que retratam personagens negros como protagonistas, valorizando suas características culturais e físicas, sem reduzir suas narrativas ao racismo ou à escravidão e superando o perigo das histórias únicas, como incentiva a escritora feminista nigeriana Chimamanda Adichie. A leitura de obras como *Amoras*, do Emicida, ou *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks, unidos à lembrança de não ter lido livros com protagonistas negros durante minha infância — mesmo sendo uma leitora assídua desde pequena —, me despertou o desejo de compreender como essas obras contemporâneas podem impactar a percepção das crianças e a valorização da identidade étnico-racial. Além disso, desde o início do curso de Pedagogia, estive envolvida com o projeto de extensão "Café com broa e literatura boa", dedicado à promoção da literatura infantil, o que reforçou meu interesse pelo tema.

Acredito que a leitura contribui de maneira ímpar para a formação do ser humano: as representações de nós e dos outros constroem nosso imaginário. Por isso, precisamos ler histórias escritas e protagonizadas por pessoas negras, para nos vermos representados em

² Martin Heidegger, na obra *Ser e Tempo*, desenvolve o conceito fundamental de *Dasein* — termo alemão que pode ser traduzido como “ser-aí” ou “ser-no-mundo”. Para Heidegger, o ser humano não é um sujeito isolado, mas um ser cuja existência está sempre situada e imersa em um contexto específico, em permanente relação com o mundo e com os outros. Essa existência situada é o que ele denomina “estar-no-mundo” (*In-der-Welt-sein*), indicando que o ser humano não apenas “existe”, mas se relaciona e se constitui a partir do seu engajamento com o ambiente social, cultural e histórico. Portanto, as possibilidades de “ser e estar no mundo” envolvem a forma como o indivíduo compreende, interpreta e se posiciona em relação ao mundo em que vive. No contexto da literatura infantil, essa perspectiva filosófica sustenta a importância de narrativas que ampliem as formas de identificação e pertencimento das crianças, permitindo que elas se reconheçam em múltiplas representações e construam sua identidade em diálogo com a diversidade cultural e étnica.

nossa pluralidade e para que todas as pessoas, sejam negras ou não, aprendam a valorizar nossa beleza, cultura e história.

Diante da necessidade de desconstruir preconceitos e valorizar a representatividade nas obras literárias, o objetivo geral deste trabalho é compreender como a literatura infantil contemporânea, com a representação positiva de protagonistas negros, pode contribuir para a valorização da identidade negra, para o letramento racial e para a superação do racismo em nosso país. Como objetivos específicos pretende-se investigar o contexto histórico da representação negra na literatura infantil brasileira; analisar criticamente as obras *Amoras* e *O Pequeno Príncipe Preto*; e sugerir propostas pedagógicas a partir da Lei nº 10.639/03. Assim, este estudo busca contribuir para a reflexão sobre o papel da literatura infantil na formação de leitores críticos e conscientes de suas identidades, propondo caminhos pedagógicos que valorizem a representatividade negra e combatam o racismo estrutural por meio da educação e da cultura.

Referencial teórico: A sabedoria dos que vieram antes de nós

Este trabalho pretende promover reflexões sobre letramento racial, educação antirracista e o papel da literatura infantil como espaço simbólico de representação e afirmação, partindo do entendimento de que as experiências de crianças negras em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural são atravessadas, desde cedo, por vivências de invisibilização, estigmatização e silenciamento. Nesse contexto, refletir sobre as imagens que circulam na literatura infantil é também pensar nos modos como se constrói o reconhecimento de indivíduos negros em sua pluralidade.

Nessa perspectiva, a literatura infantil pode e deve ser usada como ferramenta de valorização da identidade negra e combate ao racismo, apresentando para as crianças personagens negros em situações e vivências diversas e não apenas como vítimas ou coadjuvantes. Historicamente as representações de personagens negros na literatura infantil brasileira estiveram marcadas por estereótipos, subalternidade e silenciamento devido à supremacia branca, mas observa-se um movimento recente de valorização da identidade negra na literatura e, nos últimos anos, diversos autores e autoras negras têm produzido obras que valorizam a beleza, a ancestralidade, a força e a alegria de personagens negros.

Conferir protagonismo às crianças negras, seja por meio dos livros em que se veem representadas ou nas experiências vividas em sala de aula, é como dar-lhes visibilidade, após tanto tempo distante das narrativas centrais. Como bell hooks em um trecho potente do livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*:

Idealmente, o que todos nós compartilhamos é o desejo de aprender - de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. [...] Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala. (hooks, 2017, p. 58)

Em 1998 Antonio Candido defendeu que o direito à literatura deveria ser garantido para todas as pessoas, pois ela amplia o imaginário e promove o pensamento crítico. Segundo o autor, a literatura é um fator indispensável na humanização, o que pode garantir equilíbrio social:

Entendo aqui por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de

humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 1988, p. 180)

João César de Castro Rocha (2021) amplia o debate de Antonio Candido ao propor que, diante dos desafios contemporâneos de excesso de informação e banalização do conteúdo, é urgente garantir não apenas o “direito à literatura”, mas o “direito à leitura literária” — entendida como uma forma de descentramento e abertura ao outro. Para o autor, “a leitura literária obriga a um engajamento com algo que nos é necessariamente exterior” e, por isso, pode ser uma poderosa ferramenta contra a desumanização acelerada pela lógica das redes sociais e da hiperconectividade (Rocha, 2021, p. 43). Quando pensamos na literatura infantil com protagonistas negros, estamos falando sobre garantir esse direito de forma plena: o direito de se ver/fazer visto, de se reconhecer/ser reconhecido, de existir nas páginas com beleza, dignidade e protagonismo.

É com esse conjunto de reflexões que se constrói o referencial teórico desta pesquisa, compreendendo que o protagonismo negro na literatura infantil também atua como uma ferramenta de combate ao racismo e de ampliação de possibilidades para todas as infâncias.

Metodologia: Escrevendo com lápis cor da minha pele

A presente pesquisa tem natureza qualitativa a partir da abordagem analítico-interpretativa, buscando compreender como a literatura infantil contemporânea representa protagonistas negros e de que forma tais representações podem contribuir para uma educação antirracista. Com isso pretende-se interpretar os sentidos, valores e visões de mundo presentes nas obras literárias analisadas, considerando o contexto social e pedagógico da infância.

A análise se apoia na leitura crítica de textos teóricos e literários, relacionando-os com questões de identidade racial, representatividade e formação leitora. A abordagem analítico-interpretativa permite olhar para os discursos e imagens das obras com atenção ao seu conteúdo simbólico e à forma como mobilizam afetos, memórias e referências culturais. Como afirma Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com "o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes", sendo adequada para investigar fenômenos sociais complexos, como as relações étnico-raciais e a construção da identidade na infância.

Após os capítulos iniciais — introdução, referencial teórico e metodologia — o trabalho se concretiza a partir de três discussões principais: a construção da identidade negra sob uma perspectiva social e pedagógica, com foco nas experiências da infância e nas relações étnico-raciais no espaço escolar. Para isso, são mobilizadas autoras como Neusa Santos Souza (1983) e Djamila Ribeiro (2017, 2021), cujas reflexões ajudam a compreender como o racismo estrutural afeta a constituição subjetiva de pessoas negras e de que forma a educação pode atuar na valorização de suas identidades, por meio do letramento racial e de outras práticas antirracistas.

Na sequência, intensifica-se a discussão sobre letramento racial, com base em Lia Vainer Schucman (2012) e Sonia Rosa (2019), e sobre educação antirracista, a partir das teorias de Nilma Lino Gomes (2011, 2012), bell hooks (2013) e Luana Tolentino (2014). O trabalho também considera a literatura infantil como ferramenta simbólica de representação e afirmação, fundamentando-se nos estudos de Eliane Debus (2007, 2013). Por fim, contempla conceitos como o direito à literatura e à leitura literária, além de aspectos da qualidade literária, com apoio nas reflexões de Antonio Candido (1988), Carvalho e Baroukh (2018) e Rocha (2021).

As escolhas dos títulos das seções deste trabalho foram elaboradas para refletir a trajetória e a construção do conhecimento proposta pela pesquisa, além de evocar símbolos e

referências que dialogam com a temática central. A seção intitulada Introdução: Páginas em branco remete ao início do percurso, à abertura de espaço para novas narrativas e possibilidades, especialmente aquelas que ainda precisam ser escritas no que se refere à representatividade negra. Além disso, o título faz referência à presença exclusiva de personagens brancos nos primeiros livros infantis nacionais, em detrimento da participação de personagens negros.

O Referencial teórico: A sabedoria dos que vieram antes de nós presta homenagem aos ancestrais, assim como às autoras e autores cujas reflexões e conhecimentos sustentam a base teórica deste estudo. A seção Metodologia: Escrevendo com lápis cor da minha pele expressa a importância de uma abordagem que valorize a subjetividade negra, ressaltando a voz e a experiência próprias na produção do conhecimento. Na infância, no início de minha trajetória acadêmica, havia apenas uma cor clara, comumente denominada por colegas como “lápis cor de pele”. Eu não me reconhecia nessa cor e frequentemente me entristecia por isso. Contudo, atualmente, além de poder colorir, tenho a oportunidade de escrever com um lápis cor da minha pele, que verdadeiramente me representa enquanto cidadã deste mundo.

O desenvolvimento do trabalho prossegue com a seção Ser negro na sociedade brasileira, cujo foco está na análise do contexto social e histórico que molda as vivências negras no país. A seção Os primeiros livros: o histórico da representação negra na literatura infantil brasileira apresenta um panorama das primeiras representações e seus limites, realizando uma breve análise de obras literárias infantis que trazem protagonistas negros retratados de forma estereotipada, associados à subalternidade, ao escárnio ou ao sofrimento até o início do século XXI. Como exemplos dessas representações limitantes, são abordadas as personagens Tia Nastácia e a protagonista da obra *Menina Bonita do Laço de Fita*, que, embora importantes para a memória cultural brasileira, refletem os estigmas raciais impostos às populações negras por muitos anos.

A seção Protagonistas negros na literatura infantil contemporânea: do estereótipo à valorização – uma amostra explora o movimento atual de superação de estereótipos e afirmação identitária por meio da literatura. A análise concentra-se em duas obras contemporâneas: *Amoras*, de Emicida (2018), e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França (2020). A escolha dessas obras justifica-se por apresentarem protagonistas negros de forma afirmativa, valorizando aspectos como autoestima, pertencimento e ancestralidade, por atenderem aos critérios de uma literatura de qualidade, e pela relevância que possuem na literatura infantil contemporânea – ambas foram selecionadas para compor o acervo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD Literário), nas edições de 2022 e 2023,

respectivamente.

Por fim, a seção Para enegrecer o futuro: reflexões e caminhos para a educação antirracista traz as considerações finais a partir de perspectivas transformadoras da educação, propondo caminhos para o fortalecimento da identidade negra nas novas gerações. O termo “enegrecer”, bastante presente nas falas do povo negro atualmente, representa uma postura que vai além do ato de esclarecer ou iluminar; é um convite a colocar pessoas negras no centro das discussões, conferindo visibilidade e protagonismo, valorizando suas histórias, culturas e contribuições. Assim, os títulos não apenas organizam o conteúdo, mas também narram simbolicamente a trajetória da pesquisa e a luta por reconhecimento e pertencimento.

A metodologia adotada permite articular literatura e educação com o objetivo de pensar caminhos para uma formação leitora mais diversa e inclusiva. A análise das obras não se limita ao seu conteúdo narrativo, mas considera também os aspectos estéticos, simbólicos e pedagógicos, entendendo o livro como um mediador potente na formação da identidade e no enfrentamento do racismo desde a infância.

Ser negro na sociedade brasileira

O racismo surge a partir de uma concepção de hierarquização de raças que categoriza uma raça como superior e outra inferior. Devido ao infeliz passado de colonização e escravização dos povos descendentes da África, que relegou ao negro o lugar da subalternidade, ainda sofremos com o racismo no Brasil nos dias de hoje, que se apresenta tanto de forma explícita quanto velada, inclusive em ambientes que deveriam ser seguros, como na família ou na escola:

Na escola, em convívio social com outras crianças, pode-se manifestar práticas racistas, fator resultante da presença do racismo em nossa sociedade. Cabe ressaltar que as consequências dessas práticas de discriminação podem refletir não somente na infância, mas também na vida adulta [...] a branquitude torna-se o ponto de referência constituído durante anos de escravidão e submissão do povo negro. A pele negra e o cabelo crespo não condizem com esse padrão, tornando-se, portanto, diferentes. Além disso, essa diferença não é meramente classificatória, uma vez que está ligada às ideias hierárquicas de inferioridade. (Paz, 2023, p.4)

A psicóloga e psicanalista Neusa Santos Souza, em sua obra *Tornar-se negro* (1983), traz uma análise profunda sobre os impactos do racismo na subjetividade de pessoas negras, revelando que, muitas vezes, o processo de identificação com a própria negritude é marcado por dor, vergonha e conflito. A autora afirma que “até o negro quer fugir das feições que lembram que ele é negro”, evidenciando que os padrões de beleza, comportamento e pertencimento social são construídos a partir de uma lógica que privilegia a branquitude. Maya Angelou, nas primeiras páginas do livro autobiográfico *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, ilustra a objeção que muitas vezes a própria pessoa negra sente por sua cor, desejando o embranquecimento:

As pessoas não ficariam surpresas quando um dia eu acordasse do meu feio sonho negro, e meu cabelo de verdade, que era longo e louro, assumisse o lugar do capacete crespo que Momma não me deixava alisar? Meus olhos azul-claros as hipnotizaram [...] Na verdade, eu era branca e uma fada-madrinha cruel, que sentia uma inveja compreensível da minha beleza, me transformou em uma garota Negra, grande demais, com cabelo preto crespo, pés grandes e um vão entre os dentes por onde passava um lápis número dois". (Angelou, 2018, p. 15)

Em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, a personagem Tia Nastácia vivencia uma cena semelhante:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. — Que não seja boba e venha — disse Narizinho — eu dou uma explicação ao respeitável público... — Respeitável público, tenho a honra de apresentar [...] a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura. (Lobato, 1931, p. 206)

Na infância se consolidam os primeiros referenciais identitários e não é incomum ouvir de pessoas negras que os episódios racistas mais traumáticos que vivenciaram aconteceram durante esse momento de vida, como o fato de coleguinhas proferirem ofensas ou recusarem a brincar com as crianças negras, mencionando repulsão à cor da pele ou outros fenótipos negróides, como o tipo de cabelo ou formato do nariz e lábios. Histórias tristes e marcadas pelo racismo, como essas, são experiências coletivas vividas pelos indivíduos negros em nosso país até os dias de hoje.

Luana Tolentino, professora e pesquisadora, em sua obra *Outra educação é possível*, afirma que a escola, por estar inserida em uma sociedade racista, reproduz e legitima as práticas discriminatórias, corroborando para que a trajetória de alunos e alunas negras seja difícil e traumática. Apesar disso, é preciso lembrar que nenhuma criança nasce racista, mas ao presenciar práticas e comentários racistas em tom de escárnio, algumas crianças se sentem legitimadas a reproduzir tal comportamento. Djamila Ribeiro, filósofa, ativista e escritora brasileira, afirma que os padrões eurocêntricos são totalmente nocivos para a construção da autoestima da criança negra e por isso é importante que elas tenham referenciais semelhantes a si e entendam que as pessoas negras também pensam o mundo e fazem parte da construção da nossa sociedade.

O conceito de letramento racial foi criado originalmente pela socióloga afro-americana France Winddance Twine em 2003, sob a expressão “racial literacy”. A tradução e introdução do conceito no contexto brasileiro é atribuída à psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman, que o empregou em sua tese de doutorado em 2012 no campo da Psicologia Social, analisando especialmente as relações de branquitude e as práticas de desconstrução do racismo por sujeitos brancos. Segundo Schucman, em entrevista à Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o letramento racial acontece através de cinco passos:

O primeiro é o reconhecimento da branquitude. Ou seja, o indivíduo reconhece que a condição de branco lhe confere privilégios. O segundo é o entendimento de que o racismo é um problema atual e não apenas um legado histórico. Esse legado histórico se legitima e se reproduz todos os dias e, se o indivíduo não for vigilante, ele acabará contribuindo para essa legitimação e reprodução. É o mesmo que acontece em relação ao machismo. Seja homem ou mulher, se a pessoa não for vigilante, ela acabará contribuindo para a legitimação e reprodução do machismo. O terceiro é o entendimento de que as identidades raciais são aprendidas. Elas são o resultado de práticas sociais. O quarto é tomar posse de uma gramática e de um vocabulário racial. No Brasil, evitamos chamar o negro de negro. Como se isso fosse um xingamento e como se evitar essa palavra pudesse esconder o racismo. Para combatê-lo, temos de ser capazes de falar de raça abertamente, sem subterfúgios. O quinto é a capacidade de interpretar os códigos e práticas “racializadas”. Isso significa perceber quando algo é uma expressão de racismo e não tentar camuflar, dizendo que foi um mal-entendido. (Schucman, 2012).

O letramento racial, portanto, é baseado na ideia de ampliar a consciência sobre raça, buscando subsídios para compreender aspectos como contexto histórico, implicações e desafios do sujeito negro na sociedade. Essa prática pode ser incorporada também à escola a fim de desconstruir preconceitos invisibilizados no cotidiano. Segundo a professora e escritora Sonia Rosa, é possível se apropriar da Lei nº 10.639/03 como material de introdução ao letramento racial:

O preconceito racial muitas vezes acontece dentro das escolas. Vejo essa questão aqui mencionada bastante delicada. Não vai aqui uma crítica severa aos meus colegas professores, apenas uma percepção sobre a possibilidade deles potencializarem a força que têm para refletirem sobre os conflitos. O grande caminho para isso é estudar bastante para ampliar seus horizontes através da aquisição de novos conhecimentos. Por essas razões expostas até aqui, é que acredito que o letramento racial é imprescindível dentro de todas as escolas, desde a educação infantil. Essa é uma estratégia de ampliação do olhar crítico do corpo docente frente às atitudes racistas que acontecem o tempo todo nas relações escolares. Pautada em diversas e acumuladas experiências dentro das escolas, reitero que professores e gestores exercem e reforçam o racismo muitas vezes sem perceber que estão fazendo isso. Através do letramento racial é possível que os professores percebam suas práticas e mudem suas ações numa perspectiva de uma educação antirracista. A formação continuada para os professores, em serviço, é fundamental para o aprimoramento dos saberes em confronto com a prática. É no próprio espaço de trabalho pedagógico que o estudo acontece. É preciso refletir a prática, rever conceitos, trocar ideias com os pares e com especialistas. A formação continuada pode acontecer no dia a dia. Uma percepção simples e eficaz que faz toda a diferença para o sucesso ou o fracasso de uma escola. (Rosa, 2019, p. 77)

É importante ressaltar que o letramento racial também é fundamental para as crianças não negras, pois contribui para a formação de leitores mais críticos, empáticos e atentos à diversidade. No livro *O que é lugar de fala*, Djamila Ribeiro reforça a importância dos aliados neste processo:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. (Ribeiro, 2017, p.15)

Nesse sentido, a literatura se apresenta como um espaço privilegiado para o exercício desse diálogo, da crítica e da transformação. Como afirma Antonio Candido, a literatura “confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.” (Candido, 1988, p. 175). Assim, reconhecer e

valorizar a produção literária que nasce dos movimentos de resistência e afirmação negra é fundamental para promover uma educação verdadeiramente antirracista e plural, capaz de enfrentar os desafios históricos e sociais que marcam a experiência de ser negro no Brasil.

Os primeiros livros: o histórico da representação negra na literatura infantil brasileira

Por muitos anos poucas eram as referências de personagens negros na literatura infantil de ampla repercussão, como o caso da personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo, Tia Nastácia - também em *Histórias de Tia Nastácia*, criação de Monteiro Lobato (1937) - e *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (1986). Ambas, apesar de representarem personagens negros à luz da época em que foram escritos, ou seja, em uma sociedade ainda mais racista, suscitam questões que valem ser problematizadas.

Tia Nastácia é uma personagem caricata que carrega todos os estereótipos de “Mãe Preta”, um termo que se refere às mulheres negras, muitas vezes com um significado que remete à figura da ama de leite que amamentava os filhos dos senhores brancos durante a escravidão no Brasil. Era uma mulher sem escolaridade, boa cozinheira e ocupante de uma posição servil, sempre à disposição dos sujeitos brancos para quem trabalhava como empregada doméstica. Em diversos momentos na obra há termos e expressões racistas usadas para descrevê-la fisicamente e em sua posição social, como “negra beijuda” e “crioula”, além de piadas ofensivas sobre seu medo ou ignorância.

Numa fala de Emília é evidente a inferioridade estética e desqualificação da cultura negra: “Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto.” (Lobato, 1937, p. 31).

No caso de *Menina bonita do laço de fita*, a narrativa é centrada em torno de um coelho branco que deseja ser preto como a personagem principal. A beleza da personagem, então, só é validada a partir do olhar e do desejo do outro, que é, inclusive, um sujeito branco. A menina não apresenta ter consciência racial, pois busca na tinta preta, no café e na jabuticaba, motivos para explicar sua cor de pele. A mãe da personagem faz uma breve

menção à avó negra³, mas, de forma geral, a narrativa limita a negritude apenas à questão da cor, reduzindo toda a complexidade do sujeito a um corpo.

Conforme Debus, “a representação de uma personagem negra em um livro para crianças não garante que este discurso trará noções de pertencimento (afirmação de uma identidade)” (Debus, 2013, p.6), mas influência da obra literária, quando pensada e escrita de maneira intencional, acontece de forma potente:

[...] A obra literária exerce no leitor um “poder”, seja negativo, seja positivo. No primeiro caso, ao trazer para o leitor personagens submissas, sem noção de pertencimento, desfiguradas de sua origem étnica, não há ampliação do seu repertório cultural, o que colabora para uma visão deturpada de si e do outro. Por outro lado, a identificação com personagens conscientes de seu papel social, de suas origens, e respeitosos diante da pluralidade cultural acena para uma relação de respeito ao outro. (Debus, 2007, p. 268)

A Lei nº 10.639/03, promulgada em 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas do país, públicas e privadas, abrangendo conteúdos sobre a África e as contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira.

Essa legislação representa uma conquista histórica do Movimento Negro, pois visa romper com o silenciamento e a invisibilidade da população negra nos currículos escolares, promovendo uma educação plural e comprometida com a valorização da diversidade étnico-racial. No entanto, como ressalta Nilma Lino Gomes, a aplicação da lei deve ir além da questão curricular:

o trato da questão racial no currículo e as mudanças advindas da obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos das escolas da educação básica só poderão ser considerados como um dos passos no processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira se esses não forem confundidos com “novos conteúdos escolares a serem inseridos” ou como mais uma disciplina. Trata-se, na realidade, de uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política. (Gomes, 2012, p. 106).

O desafio, portanto, está em promover uma transformação profunda, capaz de questionar paradigmas eurocêntricos e romper com o silenciamento histórico das experiências

³ Ao final do livro, a mãe da personagem afirma que sua cor é graças às “artes de uma avó preta”, sem maiores detalhes. Araújo, Silva e Ferrando, no artigo O protagonismo negro na leitura infantil: resultados de pesquisas (2018), problematizam tal colocação: “Mas o que seriam as artes da avó? A narrativa não explora tal aspecto. Os sentidos fornecidos pelo texto possibilitam inferir sobre os contextos sexuais e reprodutivos da ‘avó preta’ que, por ter feito ‘arte’, teria dado à luz a uma menina ‘mulata’, ou seja, fruto de um relacionamento inter-racial. [...] A palavra ‘artes’ também pode ser explorada em uma conotação negativa referindo-se à ‘bagunça’, coisa errada. No universo infantil pode significar que a avó fazia algo considerado errado, inaceitável. Seguindo o percurso de análise, a menina descobre suas raízes étnico-raciais, entende que sua cor é resultado de sua composição familiar quando sua mãe lhe mostra uma foto da avó. [...] Não há, na narrativa, elementos que sugiram um fortalecimento do seu pertencimento étnico. Assim sendo, apesar de alguns elementos de valorização, essa obra pode não colaborar efetivamente para a construção de uma identidade negra positiva.” (Araújo, Silva, Ferrando, 2018, p.6).

e saberes negros na educação brasileira. Trata-se de um movimento de descolonização curricular, que exige o reconhecimento da pluralidade de vozes, a valorização das culturas silenciadas e a construção de práticas pedagógicas antirracistas.

Segundo Debus, a lei também influenciou positivamente no mercado editorial:

As exigências da lei 10.639/2003 culminaram com o florescimento de um nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negras como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplo; desfazendo ideias enraizadas como aquelas que trazem as personagens negras em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista, bem como a representação do continente africano pelo viés do exótico. (Debus, 2017, p. 49)

Esse movimento recente de renovação editorial evidencia como a literatura infantil contemporânea, impulsionada por políticas públicas e demandas sociais, passou a oferecer às crianças narrativas que rompem com estereótipos historicamente impostos. Ao trazer personagens negros como protagonistas e ao apresentar a cultura afro-brasileira em sua pluralidade, essas obras contribuem para a construção de um imaginário mais justo e representativo.

É nesse contexto que se insere a análise das obras *Amoras*, de Emicida, e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, que serão analisadas adiante. Ambas exemplificam como a literatura pode ser um instrumento potente de letramento racial, valorização da ancestralidade e promoção do pertencimento, reafirmando o papel da representatividade para a formação de todas as infâncias.

Protagonistas negros na literatura infantil contemporânea: do estereótipo à valorização — uma amostra

Com a implementação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede básica, e o fortalecimento das políticas de valorização da cultura afro-brasileira no campo da educação, notou-se um aumento significativo na publicação e na circulação de livros com protagonistas negros e complexidade narrativa nos últimos anos. A literatura com personagens negros passou de uma presença esporádica, muitas vezes marcada por estereótipos, para uma produção mais plural e positiva, ampliando discussões sobre identidade, cultura, ancestralidade e estética negra. Nesse cenário, *Amoras* e *O Pequeno Príncipe Preto* se apresentam como ferramentas educativas fundamentais ao favorecer o desenvolvimento do letramento racial desde a infância.

A escolha das obras se baseou nos seguintes critérios: ambas apresentam protagonistas negros em posição de centralidade e afirmam a beleza, as particularidades e a ancestralidade presentes em suas infâncias, sendo possível estabelecer um diálogo direto com o conceito de letramento racial; são livros contemporâneos, lançados respectivamente em 2018 e 2020 e selecionadas para o Programa Nacional do Livro Didático, o PNLD Literário⁴ nas edições de 2022 e 2023, compondo o acervo de obras recomendadas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, em escolas públicas do Brasil. *Amoras* também foi finalista do Prêmio Jabuti de Literatura em 2020.

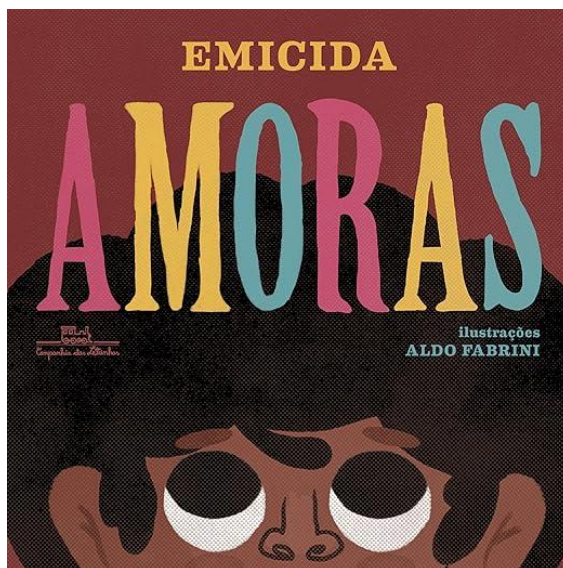
A questão da qualidade literária também foi considerada na seleção dos livros. Ana Carolina Carvalho e Josca Ailine Baroukh, no livro *Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária* (2018), indicam alguns critérios que precisam ser considerados a fim de escolher obras com qualidade:

- as obras primam pela riqueza de detalhes, informações, linguagem e forma utilizada para apresentar os personagens e o cenário, a fim de envolver e cativar o imaginário do leitor;

⁴ O PNLD Literário, parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático, é uma iniciativa do governo federal que avalia e distribui gratuitamente obras literárias, didáticas e pedagógicas para escolas públicas de educação básica em todo o Brasil. A seleção das obras ocorre por meio de editais públicos lançados pelo Ministério da Educação, nos quais editoras inscrevem seus livros e especialistas independentes avaliam o conteúdo pedagógico e literário conforme critérios definidos previamente e, após a aprovação, as escolas e professores escolhem os títulos que melhor atendam às suas necessidades. O PNLD Literário foi criado em 2017, quando o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi incorporado ao PNLD pelo Decreto nº 9.099, consolidando a distribuição de obras literárias no âmbito do programa.

- não menosprezam a capacidade de entendimento da história, ou seja, temas fraturantes (como racismo, separação dos pais ou morte, por exemplo) ou palavras pouco comuns não são evitadas na literatura infantil;
- indicam autor, ilustrador e editora, revelando comprometimento e reconhecimento dos criadores das narrativas;
- projeto gráfico considera escolha das fontes, cores, formatos, papel, técnicas de ilustração, pois tudo faz parte do projeto de leitura do livro;
- consideram as crianças como interlocutoras, abordando aspectos que elas possam dialogar a partir de suas próprias experiências e promovendo identificação e ampliação de olhares para o mundo e para si mesmas.

Figura 1: *Amoras*



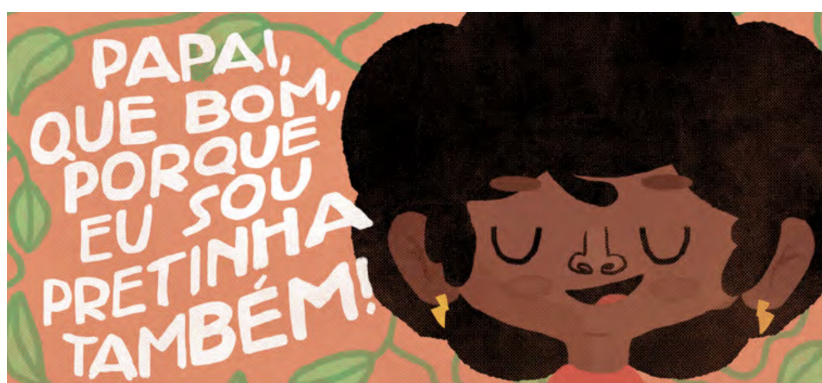
Fonte: Companhia das Letrinhas (2018)

A obra *Amoras*, escrita pelo rapper Emicida e ilustrada por Aldo Fabrini, foi publicada em 2018 pela editora Companhia das Letrinhas. O livro, escrito em forma de poema, foi inspirado em uma conversa que o autor teve com sua filha. A menina negra, protagonista da história, é retratada pelo ilustrador Aldo Fabrini com cabelos crespos volumosos, olhos grandes e vestes coloridas, reforçando uma estética positiva, alegre e cheia de identidade. A escolha por não nomeá-la ou descrevê-la em excesso convida o leitor a se identificar livremente com ela.

Diferentemente do clássico *Menina bonita do laço de fita*, em *Amoras* vemos a importância da consciência racial: o livro cita elementos e personagens constituintes da cultura negra, como Obatalá, Ala, Martins Luther King, Zumbi dos Palmares e Malcolm X.

As referências aparecem de forma lúdica, como sementes lançadas às crianças, que poderão aprofundar essas descobertas ao longo da vida. A constatação da personagem ao final (“que bom, porque eu sou pretinha também!”) demonstra uma percepção racializada de si mesma e, também, orgulho por sua cor e ancestralidade:

Figura 2: destaque do livro *Amoras*



Fonte: Companhia das Letrinhas (2018)

Amoras é uma ode à representatividade: cada traço afirma a beleza negra com delicadeza e força, em sintonia com o texto. É uma obra que convida à valorização da identidade negra e à ampliação do olhar de crianças sobre o que é belo e constituinte da história da humanidade.

Nas páginas finais o livro traz um pequeno glossário com a definição dos termos Obatalá, Orixá, África, Alá, Martin Luther King, Zumbi dos Palmares e Quilombo, facilitando a compreensão de leitores e mediadores de leitura que porventura não tenham conhecimento prévio sobre tais elementos da cultura negra.

O livro também aposta em elementos gráficos que chamam a atenção, como palavras destaque com variações de fonte e disposição na página, o que convida à leitura performática — como se fossem faladas, cantadas ou declamadas. Hércules Tolêdo Corrêa reitera a importância das ilustrações nos livros infantis no artigo *Qualidade estética em obras para crianças*:

Embora o texto escrito possa ter sido gerado antes das imagens, no processo de produção do livro, no momento de sua leitura, ambos são processados conjuntamente pelo leitor e não há como atribuir predominância de um sobre o outro, se se propõe uma leitura e/ou uma mediação da leitura que procure(m) dar conta do todo. O sujeito alfabetizado e letrado não lê e aprecia apenas um dos modos de linguagem de uma obra, mas todos os modos, de maneira holística. Noutras palavras, a experiência estética é de uma leitura global, que capta os diferentes modos, não atribuindo a um ou outro uma importância maior. (CORRÊA, 2008, p.96).

As rimas e as próprias disposições dos elementos nas páginas dão a impressão de que o autor quis trazer a musicalidade do *rap* para a obra. Há também uma versão animada do livro disponível no YouTube, narrada pelo Emicida, que pode ser acessada no *link* <<https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Figura 3: *O Pequeno Príncipe Preto*



Fonte: Nova Fronteira (2020)

Figura 4: *O Pequeno Príncipe Preto Para Pequenos*



Fonte: Nova Fronteira (2021)

Publicado em 2020, *O Pequeno Príncipe Preto*, de autoria de Rodrigo França e ilustrações de Juliana Barbosa Pereira, apresenta uma releitura crítica, afetuosa e politizada do clássico francês *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. O livro, adaptado de um

espectáculo que ficou por um ano em cartaz e foi prestigiado por mais de 60 mil espectadores, também tem uma versão lançada em 2021 para leitores mais novos (0 a 4 anos), intitulada *O Pequeno Príncipe Preto Para Pequenos*. Para fins de análise neste trabalho, será considerada a primeira edição do livro, para leitores já alfabetizados, a partir dos 6 anos.

Na obra o protagonista é um menino negro que viaja entre planetas, levando perguntas, ideias e valores — mas, acima de tudo, carregando a ancestralidade e a esperança. A linguagem do livro é poética, com frases marcadas por oralidade. O menino aparece com traços e cabelo crespo definidos, em meio a cores suaves e gestos leves. Em determinado momento, o personagem menciona seus traços físicos com grande orgulho: “A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho” e “A minha boca é grande e carnuda [...] eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.”

Figura 5: destaque do livro *O Pequeno Príncipe Preto*



Fonte: Nova Fronteira (2021)

O personagem carrega consigo mudas da árvore baobá e as espalha pelos outros planetas que conhece. O baobá é um símbolo de sabedoria e ancestralidade africana e aqui aparece em referência direta à rosa da clássica obra francesa, mas representando o amor e a conexão com a terra, com os que vieram antes e com os que ainda virão. Na obra também há menções à ancestralidade direta (pais, avós, bisavós e tataravós), aos orixás cultuados nas religiões afro-brasileiras, Iansã e Xangô, e ao Ubuntu, filosofia africana originária dos povos

Bantu, que significa “eu sou porque nós somos” e expressa a ideia de que as pessoas devem viver coletivamente, cultivando empatia e ao respeito pelo outro.

No canal do YouTube do autor Rodrigo França há um vídeo apresentando as duas versões da obra. Para acessar, consultar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=46q1DKJTDLM>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Para fins de análise das obras foi feito um quadro comparativo com as principais informações contidas nos dois livros:

Quadro 1: Comparativo das características identitárias de *Amoras* e de *Pequeno Príncipe Preto*

	<i>Amoras - Emicida</i>	<i>O Pequeno Príncipe Preto - Rodrigo França</i>
Protagonista	Menina negra	Menino negro
Narrador	Terceira pessoa	Primeira pessoa
Caracterização física	Pretinha como as doces amoras (atribuições do texto)	Apreço pelo cabelo, cor de chocolate e café, boca grande e carnuda, nariz de batata (atribuições do texto)
Assuntos principais	Autoestima, identidade negra, ancestralidade e orgulho racial	Autoestima, identidade negra, ancestralidade, pertencimento, importância do coletivo (filosofia Ubuntu) e resistência
Ancestralidade e religiosidade	Referência a orixás africanos (Obatalá e Ala); ancestralidade simbólica como força de identidade coletiva	Referência a orixás afro-brasileiros (Iansã e Xangô); menção direta a pais, avós, bisavós e tataravós; referência simbólica ao baobá
Antecedentes e referências históricas	Zumbi dos Palmares, Malcolm X, Martin Luther King	Não há menções a figuras históricas específicas
Faixa etária indicada	A partir de 3 anos	A partir de 6 anos
Indicação no PNLD	PNLD Literário 2022 - Educação Infantil	PNLD Literário 2023 - Ensino Fundamental
Ano de publicação	2018	2020
Editora	Companhia das Letrinhas	Nova Fronteira

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

As duas obras analisadas, *Amoras* e *O Pequeno Príncipe Preto*, distanciam-se das representações estereotipadas e da presença rasa e subalterna de personagens negros, oferecendo às crianças a possibilidade de se verem refletidas como protagonistas de histórias sensíveis, alegres, filosóficas e carregadas de ancestralidade. Ambos os livros constroem personagens negros com profundidade e beleza, convidando o leitor a enxergar a si mesmo com orgulho e encantamento. As escolhas narrativas dos autores, o cuidado com as ilustrações, a linguagem poética e o conteúdo simbólico revelam um compromisso com a formação de leitores críticos. As duas obras também estão alinhadas às diretrizes da Lei nº 10.639/03, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira e africana.

A escolha de dois livros deu-se pelas limitações deste trabalho, mas é importante ressaltar que atualmente existem muitas outras obras que apresentam personagens negros em vivências plurais, que rompem com o silêncio e os estereótipos, em histórias em que ser negro também é ser belo, forte, criativo, amoroso, curioso, sonhador. Histórias em que a cor da pele não é um fardo, mas motivo de orgulho. Na seção Apêndice deste trabalho há uma lista com diversas obras contemporâneas com personagens e/ou protagonistas negros. Vale a leitura!

Essa pluralidade é essencial para superar o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie chamou de “o perigo da história única” — a tendência de contar sempre o mesmo tipo de narrativa sobre um povo, uma cultura ou uma identidade. Quando ouvimos repetidamente apenas um tipo de história sobre pessoas negras — seja marcada pela dor, pela pobreza ou pela subalternidade — corremos o risco de reduzir vidas complexas a uma única dimensão, negando a riqueza, a diversidade e a humanidade desses sujeitos. A literatura infantil, portanto, pode oferecer às crianças diversas histórias, em que a negritude seja pautada da maneira múltipla como se é:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.[...] Eu gostaria de terminar com esta ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (Adichie, 2019, p.18-19)

Considerações finais: Para enegrecer o futuro: reflexões e caminhos para a educação antirracista

A literatura infantil com protagonismo negro não é apenas uma ferramenta de valorização da identidade racial, mas uma estratégia poderosa para o desenvolvimento de leitores mais conscientes, críticos e conectados à diversidade. A partir da análise das obras *Amoras* (2018), de Emicida, e *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), de Rodrigo França, percebemos que é possível apresentar às crianças narrativas que celebram a negritude com alegria e beleza, evidenciando as vivências negras para além do sofrimento e exaltando os cabelos crespos, os variados tons de pele, os saberes ancestrais e as formas de existir no mundo.

Nossas práticas pedagógicas também devem considerar a representatividade negra na literatura infantil, a fim de auxiliar no fortalecimento da identidade e pertencimento das crianças negras no ambiente escolar. Além disso, atividades como rodas de leitura, mediação de debates sobre as obras, produção de desenhos e reescrita de histórias permitem que as crianças se reconheçam como protagonistas e ampliem sua compreensão sobre a diversidade étnico-racial, dando um passo a mais para além da leitura das obras.

No entanto, a existência dessas obras não é suficiente por si só. É preciso que os professores e a gestão das escolas assumam uma postura ativa, engajando-se verdadeiramente na criação de um currículo, projetos político-pedagógicos e políticas educacionais alinhados à superação da desigualdade racial de forma contínua, posicionem-se de maneira contrária às situações de discriminação e preconceito, ampliem seus repertórios e busquem referências negras a fim de oferecer às crianças oportunidades de se reconhecerem — e de reconhecerem o outro — em sua complexidade. Como aponta Gomes (2011, 2012), o compromisso com uma educação antirracista exige a revisão crítica do currículo, o acesso a tais discussões na formação inicial e continuada dos professores e o uso intencional da literatura como espaço de luta simbólica e política.

As ações afirmativas em prol da reparação da desigualdade racial também são muito bem-vindas. Alguns exemplos importantes são as leis 10.639/03 e 11.645/08, sobre as quais discutimos anteriormente neste trabalho, além das seguintes leis:

- Lei nº 12.711/12, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências;

- Lei nº 12.990/14, que reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União).

Outras ações também podem configurar práticas antirracistas importantes e que devem ser fomentados por todos, indo além do ambiente escolar, como o acompanhamento e cobrança por parte da sociedade civil para que as leis mencionadas sejam efetivamente cumpridas, a participação em cursos formativos ou grupos de estudo que discutam a temática étnico-racial, a existência de editoras voltadas para a publicação de autores negros, como as editoras Pallas, Mazza, Malê e Cruz e Souza, ou a criação de iniciativas como o Coletivo Iabas (<https://www.instagram.com/coletivoiabas>) ou os projetos Pretinhas Leitoras (<https://www.instagram.com/pretinhasleitoras>) e Histórias Não Contadas (<https://www.instagram.com/projetohnc>), que promovem conteúdos e contação de histórias com protagonismo negro para crianças e famílias.

Ao oferecer às crianças negras histórias que afirmam suas origens e suas vozes, estamos contribuindo para a construção de uma infância mais potente e plural. E esse é um dos nossos papéis: “Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem.” (hooks, 2017, p. 63). Pais e mães também são importantes aliados nessa luta.

A literatura infantil com protagonistas negro não trata apenas de identidade racial, ela também relaciona-se de maneira interseccional com outros temas, como território, ancestralidade e religiões, propondo uma educação que considere as múltiplas camadas que constituem os sujeitos. Que este trabalho sirva de estímulo para a ampliação de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da representatividade negra desde a infância. E que a literatura continue sendo uma via para que todas as crianças possam se reconhecer nos livros, fortalecendo a autoestima e imaginação, e contribuindo para a construção de uma sociedade representada em sua pluralidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. São Paulo: Astral Cultural, 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014**. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos... Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018 . Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 de jun. de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)**. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária**. São Paulo: Panda Educação, 2018.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169–191.

COLETIVO IABAS. **Instagram: @coletivoiabas**. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivoiabas>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. **Qualidade estética em obras para crianças**. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (orgs.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 91-109.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro**. [Entrevista concedida a] Amanda Massuela. Revista Cult, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

DEBUS, Eliane S. D. **A representação do negro na literatura para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade?** In: AZEVEDO, Fernando (Coord.). *Imaginário, identidades e margens: estudos em torno da literatura infanto-juvenil*. Gaia, Po: Gailivro, 2007.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz**. Texto publicado no livro *Tecendo literatura: entre vozes e leituras*. Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC. 2013.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

EMICIDA. **Emicida - Livro "Amoras" - Versão Animada**. YouTube, 2018. Vídeo (59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs>. Acesso em: 22 jun. 2025.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para pequenos**. Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. São Paulo: Nova Fronteira, 2021.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para pequenos**. YouTube, 2021. Vídeo (2min32s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46q1DKJTDLM>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109. 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**. RBP AE – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Vozes, 2000.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Ed. Nacional, 1931.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

PRETINHAS LEITORAS. **Instagram: @pretinhasleitoras**. Disponível em: <https://www.instagram.com/pretinhasleitoras/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

PROJETO HISTÓRIAS NÃO CONTADAS. **Instagram: @projeto hnc**. Disponível em: <https://www.instagram.com/projeto hnc/>. Acesso em: 22 jun. 2025

RIBEIRO, Djamila. **Entrevista: Djamila Ribeiro e “O olho mais azul”**. Blog TAG Livros, 2021. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/entrevista-djamila-ribeiro-tag-livros/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, João Cezar de Castro. **O direito à leitura literária: notas iniciais**. 2021.

ROSA, Sonia. **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

Apêndice

Lista de livros infantis antirracistas com personagens negros:

- Amoras* – Emicida, Companhia das Letrinhas, 2018
- Amor de cabelo* – Matthew A. Cherry, Galerinha, 2020
- Antonietta* – Eliane Debus e Annie Ganzala, Copiart, 2019
- As tranças de Bintou* – Sylviane A. Diouf, Cosac Naify, 2014
- Bucala: a pequena princesa do quilombo do cabula* – Davi Nunes, Malê, 2019
- Com qual penteado eu vou?* – Kiusam de Oliveira, Melhoramentos, 2021
- Flávia e o bolo de chocolate* – Miriam Leitão, Rocquinho, 2022
- Meu Crespo é de Rainha* – bell hooks, Boitatá, 2018
- Meninas Negras* – Madu Costa, Mazza, 2008
- Neguinha, sim!* – Renato Gama, Companhia das Letrinhas, 2023
- O cabelo de Lelê* – Valéria Belém, Editora IBEP, 2012
- O Menino Nito* – Sonia Rosa, Pallas, 2006
- Omo-Oba: Histórias de Princesas Africanas* – Kiusam de Oliveira, Companhia das Letrinhas, 2023
- O mundo no black power de Tayó* – Kiusam de Oliveira, Peirópolis, 2013
- O Pequeno Príncipe Preto* – Rodrigo França, Nova Fronteira, 2020
- O Pequeno Príncipe Preto para pequenos* – Rodrigo França, Nova Fronteira, 2020
- Os olhos de cor* – Lilia Moritz Schwartz, Companhia das Letrinhas, 2023
- Princesas negras* - Edileuza Penha de Souza, Malê, 2019
- Quanta África tem no dia de alguém?* – Renata Fernanda, Ciranda na Escola, 2022
- Quinzinho* – Luciano Ramos, Caqui, 2020
- Sinto o que sinto* – Lázaro Ramos, Sextante, 2025
- Um Amigo Diferente?* – Patricia Auerbach, Companhia das Letrinhas, 2018